

“OBSERVANDO” O PAN RIO/2007 NA MÍDIA: sínteses, comentários e novas demandas como considerações finais do estudo

*Giovani De Lorenzi Pires
Fernando Gonçalves Bitencourt*

Este capítulo final, ao revisitar os textos que o antecedem, tem o propósito de proceder a uma síntese que visa articular e dar organicidade aos resultados encontrados nos subprojetos da pesquisa, o que pretendemos efetuar pela sumarização e comentários sobre os mesmos. Também buscou-se a identificação de novas demandas para estudos neste campo de interface entre Esporte e Mídia no material sobre a cobertura jornalística do Pan Rio/2007. Obviamente, para tanto, mais uma vez recorreremos às fontes jornalísticas que nos têm acompanhado nesta investigação, especialmente a mídia digital, através de recursos como sites, blogs e outros mecanismos que possibilitam a recuperação da informação.

-O-O-O-O-

No momento em que estamos concluindo a elaboração deste livro-relatório da pesquisa, completam-se exatamente dois anos que os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 aconteceram no país. De um ponto de vista factual, eles já são passado; mas como bem advertiu o poeta Mario Quintana: “o passado não reconhece o seu lugar; está sempre presente”.

Sim, podemos afirmar que, passados dois anos, o Pan ainda está presente porque, na esteira da sua realização, um conjunto de fatos, desdobramentos e consequências continua mantendo os Jogos ou dimensões específicas deles no foco da imprensa nacional ao longo destes dois anos. Não bastasse a aprovação da realização da Copa do Mundo da FIFA (em 2014) no Brasil e a candidatura nacional para o Rio de Janeiro sediar os Jogos Olímpicos de 2016, projetos certamente potencializados pela realização do Pan no Brasil, como exemplo, a recente manifestação do TCU sobre o Pan, que mereceu destaque na imprensa¹.

¹ O Tribunal de Contas da União (TCU) pronunciou-se pelo arquivamento de dois processos contra os organizadores do evento - COB e Ministério do Esporte - referentes a gastos executados sem licitação para as solenidades de abertura e encerramento dos jogos, e de superfaturamento nos serviços de hotelaria da Vila

Deste modo, reconhecendo sua pertinência e atualidade, parece-nos justificável que se aprofunde a análise da cobertura midiática dos Jogos. Para tanto, passemos, pois, a uma síntese dos resultados dos seus vários subprojetos da pesquisa. E iremos começar pelo subprojeto que investigou a presença e a importância dos atletas ditos “locais” na cobertura dos jornais de cada região do país, no entendimento de que, por ter características mais exclusivas e categorias específicas, diversas dos demais, a análise dos resultados deste subprojeto precisa ser efetuada de forma interna, isto é, sem que seja possível estabelecer relações diretas com os demais.

De forma geral, podemos considerar que, no esforço realizado pelos pesquisadores diretamente responsáveis por este subprojeto, consta a leitura e análise de 155 exemplares de jornal (5 jornais diários, nos 31 dias do mês de julho/2007). Foram identificados e classificados nas categorias utilizadas um total de 233 registros de matérias que tratavam de atletas “locais” na cobertura dos Jogos Pan-Americanos. Considerando uma média, 50% destes registros foram categorizados como *Referência ao Local*; o que significa dizer que o tema principal da metade de todas as matérias sobre os atletas regionais tinha como objetivo pontuar a relação daquele atleta à sua região de origem. Esta foi sempre a primeira ou, no máximo, a segunda categoria mais referida em cada jornal; assim, podemos perceber que a estratégia de fazer uso da dialética global-local foi bastante empregada na cobertura do Pan realizada por esses jornais, ainda que as formas utilizadas não tenham sido sempre as mesmas.

Acreditamos que aspectos como a tradição esportiva regional e as características culturais da região no trato com a informação local possam ter sido fatores determinantes para a existência destas diferenças. Podemos citar como exemplo o fato de que a cobertura do jornal A Gazeta (Cuiabá) foi frágil em relação aos atletas “locais” no Pan provavelmente porque, além de serem poucos os atletas nessa condição, aquele estado não tem uma tradição esportiva muito grande, exceto em relação ao futebol. Assim, faz sentido que a matéria mais repercutida, isto é, que promoveu o maior agendamento do evento nas páginas de A Gazeta foi a passagem da Tocha Olímpica pela cidade. A cobertura dos Jogos, a partir do momento do seu desenrolar propriamente dito, centrou-se quase exclusivamente na divulgação dos resultados e no anúncio da programação (informações técnicas). Os atletas

do Pan. Mais de uma centena de outros processos e denúncias sobre mau uso do dinheiro público nos Pan-Americanos estão ainda sendo analisados nas esferas do judiciário brasileiro. Os gastos do Pan também originaram uma CPI na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, que chegou a ser criada, mas não foi implementada.

“locais” destacados foram o nadador Felipe Lima (integrante da equipe de 4x100 medley), sobre o qual havia alguma expectativa de boa colocação e a ciclista Cremilda Fernandes, que praticamente só apareceu na cobertura quando obteve sua medalha de bronze.

A região Norte, igualmente com pouca tradição nos esportes olímpicos em disputa no Pan, usou muito do expediente da imagem (fotografia) para destacar nas páginas do A Crítica, de Manaus, a presença e participação de atletas amazonenses no Pan, sendo o jornal em que a categoria *Referência ao Local* foi a mais recorrente. Os resultados pouco expressivos dos seus atletas “locais” (com exceção de Sandro Viana, ouro nos 4x100 rasos) implicaram o quase desaparecimento de matérias sobre os Jogos de um determinado momento da cobertura em diante.

Estes fatos mostram que, para proceder ao agendamento da cobertura, os jornais se valeram bastante da estratégia de ancorar as notícias do evento (global) na figura de pessoas cuja característica “local” contribuía como forma de identificação com os leitores regionais. No entanto, como a mídia é factual e se interessa prioritariamente por resultados, essa identidade desaparecia das páginas a medida que tais atletas não se sagravam vitoriosos, sendo este fenômeno inclusive responsável pela redução do espaço da própria cobertura dos Jogos nos jornais destas regiões.

A estratégia de agendamento e geração de expectativas configurou-se muito presente em todos os jornais acompanhados. No Diário Catarinense, a edição especial de um caderno (Diário do Pan), que mostrava com dados biográficos e fotos os quase cinquenta atletas do estado que participariam dos Jogos, serviu de abertura para a cobertura daquele jornal. No decorrer da competição, os atletas mais conhecidos e, por coincidência, que obtiveram bons resultados (como Falcão, do futsal, e Eduardo Deboni, da natação) ganharam a companhia de alguns vitoriosos inesperados (p. ex., Lucélia Ribeiro, ouro no karatê) e de ex-atletas “locais” consagrados (como o nadador Xuxa) nas estatísticas de atletas mais referidos nas matérias. Mesmo assim, podemos caracterizar a cobertura do Diário como também factual e essencialmente técnica, orientada para a apresentação dos resultados das provas e jogos, utilizando para isso muitos infográficos, com pouquíssima matéria analítica e de opinião.

A publicação de um caderno especial veiculado previamente ao início dos Jogos Pan-Americanos, contendo informações sobre a participação dos atletas “locais”, foi também a opção do jornal O Estado de Minas para agendar a cobertura do Pan entre seus leitores. A geração de expectativas por bons resultados dos atletas regionais fez inclusive que fosse a categoria *Expectativa e Realismo*

fundadas especialmente no retrospecto (embora sem referência direta a essa categoria) de atletas vencedores como o nadador Tiago Pereira e o maratonista Franck Caldeira.

Um diferencial deste caderno do Estado de Minas foi que, além dos atletas “locais”, havia informações técnicas sobre os esportes em disputa no Pan, de modo a esclarecer os leitores como compreender as notícias sobre cada modalidade esportiva. Na sequência dos Jogos, essa preocupação com a formação esportiva do leitor arrefeceu e, tal como vimos nos demais jornais, a cobertura passou a restringir-se aos resultados das provas e jogos, com maior destaque para aquelas modalidades mais conhecidas do grande público.

Finalmente, cabe referirmo-nos à cobertura dos chamados “sergipanamericanos”, denominação dada aos atletas “locais” do estado de Sergipe no Jornal da Cidade. Não há, todavia, diferenças significativas em relação aos demais jornais das outras regiões. O agendamento e a geração de expectativas iniciais foram sendo substituídas, ao longo da cobertura, pela informação técnica dos resultados e da programação, visando a orientar os leitores. A participação vitoriosa dos “locais” Helinho (handebol) e Rogério (futsal) foi o que, praticamente, garantiu a permanência dos atletas da região nas páginas daquele jornal durante o Pan.

-O-O-O-O-O-O-

Os outros três subprojetos (colunistas, JN e blogs) procederam à classificação do material coletado observando algumas categorias em comum, definidas pela leitura preliminar desse material do campo; todavia, pelas especificidades de cada veículo, suporte ou editoria que caracterizam seus *corpus* de pesquisa, também efetuaram algumas outras abordagens paralelas à discussão das categorias. Por isso, neste tópico vamos comentar o que lhes é comum assim como as singularidades de capa subprojeto.

Começamos pela distribuição do material nas categorias, cuja descrição quantitativa nos relatos demonstra uma diferença muito grande entre os dados dos subprojetos. Em que pese as categorias *Técnica* e *Infraestrutura* predominarem nos três campos/objetos, pudemos observar que as informações de natureza técnica (resultados, programação de provas/jogos, etc.) são menos presentes nos blogs, especialmente nas postagens principais, enquanto que as condições de infraestrutura dos Jogos praticamente não são referidas no JN, talvez porque outros telejornais e a programação esportiva da emissora tenha dado esse destaque. Já em relação ao estudo dos colunistas dos jornais, as duas categorias acima

citadas também estão presentes em percentuais significativos, mas são superadas pela categoria *Política*, a mais citada, cujos números são elevados principalmente em função das colunas do jornal Folha de São Paulo. É também no estudo dos colunistas que podemos observar a maior dispersão de assuntos relativos ao Pan, com cinco categorias obtendo percentuais de referência iguais ou superiores a 10%.

Ajustando um pouco mais o foco no estudo dos colunistas, foi possível confirmar pelos dados do campo o que havia sido sugerido na literatura quanto à liberdade de escolha dos assuntos a serem comentados de que dispõem esses jornalistas, especialmente quando o projeto editorial do jornal favorece isso, como é o caso da Folha de São Paulo. Para ilustrar essa afirmativa, vale ressaltar que neste jornal a maioria das colunas que faziam referência aos Jogos não pertencia à editoria de esporte, mas às de política, economia, variedades, humor etc. É também interessante constatar que na Folha praticamente não existem colunas com comentários de ordem técnica do Pan, seja quanto a perspectivas ou a resultados, o que não se repete, por exemplo, nos dois outros jornais acompanhados. Como já se afirmou acima, na Folha predominam os comentários de natureza mais política, revelando uma clara e tensa disputa de interesses entre os três níveis de governo envolvidos (federal, estadual e municipal) e suas tentativas de capitalizar para si a realização dos Jogos no Rio de Janeiro, entre outros temas de conotação política.

Neste sentido, até mesmo outras categorias de possíveis interfaces com temas políticos são tratadas de formas diversas nos três jornais, como é o caso das dimensões turística e econômica: enquanto no Diário e em O Globo, colunistas saúdam o prometido acréscimo no turismo e na economia do Rio durante e na esteira do Pan, algumas colunas da Folha, com base em estudos feitos por órgãos mais independentes, classificam de insignificante esse possível incremento no turismo carioca, travado pela sensação de insegurança, o que a realização do Pan não conseguiria minimizar². Aliás, é interessante observar como essa categoria (*Segurança*) aparece em várias colunas dos jornais, especialmente na comparação entre O Globo e os demais. No jornal carioca, as mudanças de hábitos no cotidiano da população da cidade, em virtude da presença de tropas da Força de

² Quanto à questão econômica dos eventos esportivos e sua relação com a mídia, no caso aplicadamente aos Jogos Pan-Americanos de 2007, vale fazer referência às observações do jornalista Anderson Gurgel Campos à cobertura do Pan, a partir das reportagens e colunas de várias editorias do jornal Folha de São Paulo, colhidas durante o mês de janeiro de 2007 (GURGEL CAMPOS, 2007).

Segurança Nacional nas ruas, evocam um sentimento nostálgico em alguns colonistas, do tempo em que as pessoas colocavam cadeiras nas calçadas, sem qualquer referência ao fato de que aquela sensação de segurança dos cidadãos seria passageira, temporalmente ligada apenas à realização do Pan na cidade. Nos demais jornais, com maior ênfase no Diário Catarinense, tal fato também é destacado, mas acompanhado de um quase lamento por sua provisoriedade.

Por fim, um comentário sobre a categoria *Nacionalismo*, outra que teve referências diversas nas colunas dos jornais observados. Em O Globo e no Diário Catarinense, ainda que de forma comedida, os colonistas fizeram uso de alusões ao sentimento nacionalista para enaltecer tanto atletas e equipes brasileiras quanto a qualidade da organização e das instalações do Pan e até mesmo as belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro; já na Folha de São Paulo, o tema do nacionalismo é enfocado como crítica à cobertura feita por outras mídias, especialmente a televisão, cujo ufanismo exacerbado é caracterizado por alguns colonistas do jornal paulista como uma espécie de equivocada competição midiática para verificar quem é mais torcedor brasileiro, inclusive com referência a ex-atletas travestidos de comentaristas de emissoras por assinatura, cujo comportamento às vezes denunciava não terem sido informados da sua nova condição e estariam demonstrando pouco preparo para a função, inclusive quanto ao conhecimento da própria cultura esportiva³.

Esse sentimento nacionalista evocado pelas emissoras de televisão pode ser constatado também pela classificação do material analisado nas categorias referentes ao que foi veiculado pelo Jornal Nacional. Se a categoria *Técnica* é a mais amplamente citada, com mais de 50% dos registros, o *Nacionalismo* é a segunda categoria em número de referências, presente em quase 1/4 das matérias sobre o Pan naquele telejornal. Isso parece corroborar, por um lado (quanto ao conteúdo nacionalista da cobertura), para uma crítica ao modo como o esporte é emocionalmente tratado pela televisão até mesmo no campo jornalístico, em tese caracterizado por desejável neutralidade; por outro, a predominância das informações técnicas demonstra que a celeridade da linguagem televisiva combina mais com o enfoque factual da notícia, no caso a esportiva, em detrimento das análises e do estabelecimento de relações do fenômeno esportivo com outras instâncias socioculturais do cotidiano.

³ Referência explícita ao ex-jogador de basquete Oscar Schmidt, trabalhando como comentarista do SportTV, que teve sua atitude criticada por estar, no ginásio de ginástica artística, gritando “vai cair!” no momento da apresentação de atletas de outros países.

Tal preocupação com a dimensão de noticiabilidade dos fatos fica ainda mais evidente quando observamos as mudanças significativas no tempo dedicado à cobertura do Pan no JN ao longo da realização dos Jogos, cuja trajetória de forma simplificada é abaixo destacada, para depois comentarmos:

- dia 13/7/2007 – 55% do tempo total do JN (abertura do Pan)
- dia 17/7/2007 – 14%
- dia 28/7/2007 – 40% (véspera do encerramento)

De forma isolada, estes índices poderiam demonstrar que, para a produção do JN, os telespectadores estariam mais interessados nos momentos de início e finalização do evento, quando os temas dos Jogos predominaram na cobertura do telejornal. Todavia, no dia 17/7, pouco mais de uma hora antes do JN entrar no ar, um acidente com avião da TAM, no aeroporto de Congonhas/SP, fez com que matérias relativas a este fato reduzissem consideravelmente o espaço atribuído ao Pan – diga-se de passagem que este acidente, em solo, com imagens do avião, dos passageiros e de pessoas que se encontravam no prédio atingido sendo consumidos pelo fogo, constituiu-se num fato midiático espetacular, além do seu evidente interesse jornalístico. Nos primeiros dias subsequentes ao acidente, o tempo da cobertura esportiva permaneceu reduzido, dividindo-o com matérias sobre o acidente⁴. Cerca de 10 dias após, na véspera do encerramento dos jogos, o próprio acidente aéreo havia perdido importância em sua noticiabilidade, sendo largamente superado pelas notícias relativas aos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, que efetuavam um balanço preliminar da sua realização e agendavam as finais de alguns esportes e as solenidades de encerramento do evento para o dia seguinte.

Observando a cobertura dos Jogos feita pelo JN, ao longo da realização daquele evento esportivo, constatamos a completa ausência de matérias veiculadas que pudessem ser classificadas na categoria *Política*.

⁴ A este respeito, o jornalista Dorrit Harazim escreveu a coluna “Um parêntese de felicidade” no jornal O Globo, que foi reproduzida no Blog do Juca (http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2007-07-29_2007-08-04.html). Ela começa assim: “Desde que as rotas do XV Pan e do Airbus da Tam se cruzaram na funesta terça-feira de 17 de julho, o país passou a alternar momentos de alegria vulcânica com abismos de horror. Para quem assistiu de casa ao noticiário ininterrupto e consecutivo dos dois dramas, as lavadas d’alma e o medo foram sendo expiados um após o outro, em privado. Resultado: um estado de bipolaridade (termo tão na moda) nacional que especialistas haverão de estudar por muito tempo ainda”.

Até mesmo fatos notórios, de óbvia conotação política e ampla repercussão em outros meios, como a vaia que impediu o pronunciamento do Presidente Lula na abertura do Pan, no estádio do Maracanã, foi solenemente ignorada pelo JN no dia seguinte. O telejornal mostrou uma edição em que o pronunciamento do presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman, declarando abertos os Jogos, em socorro ao Presidente da República que deveria fazê-lo, mas era vaiado naquele momento, foi apresentado como se estivesse rigorosamente dentro do *script* daquelas solenidades. Essa posição do telejornalismo da Globo e, de modo especial, do Jornal Nacional, tão criticado em outros momentos da vida política do país por seu envolvimento com determinados fatos, como a célebre edição do debate final da campanha, entre Lula e Collor em 1989, pode ser vista como um compromisso jornalístico com a isenção da informação; mas também pode ser compreendida como um tentativa de silenciar sobre um fato que atinge o principal patrocinador da sua cobertura, por meio de empresas estatais como a Caixa e a Petrobrás.

Para contextualizar, convém lembrar que, durante o ano anterior ao evento, a Globo foi escolhida para, numa parceria com o COB e o governo federal, fazer uma grande campanha de divulgação institucional do evento, com inserções em horário nobre da televisão e com a participação de atletas de modalidades patrocinadas por essas estatais. Tudo isso faz com que interesses públicos e privados sejam sobrepostos, e a visibilidade ou o silêncio sobre fatos dessa dimensão possam ser compreendidos como decorrentes de motivações políticas, o que não seria novidade no campo midiático-esportivo, mas, definitivamente, não é a maneira mais adequada para se esclarecer a opinião pública e tampouco para promover a formação da cultura esportiva do país.

Por fim, a análise da cobertura do Pan por meio do acompanhamento do material disponibilizado em blogs revelou-se de certa forma ambígua. Havia entre os pesquisadores deste subprojeto certa expectativa quanto ao conteúdo do que seria identificado e recolhido neste recurso da mídia digital, postado por pessoas e/ou instituições com diferentes relações com os Jogos. Foi preciso adaptar alguns critérios e procedimentos específicos para esta observação, porque há ainda uma carência nas metodologias para a pesquisa no campo virtual. O que se constatou, todavia, é que se a forma do blog e a sua plataforma operacional (internet) podem ser consideradas inovadoras no campo midiático informativo, o mesmo não se atribui ao conteúdo neles disponibilizados. A linguagem mais informal, inclusive com algumas grafias simplificadas, típicas das mensagens de meios *on line*, não consegue esconder que o conteúdo dos blogs acompanhados é uma mera

reprodução adaptada de como as mídias mais tradicionais disponibilizam a informação. Isso pode ser constatado pela análise das matérias recolhidas, cuja classificação também privilegiou as categorias que predominaram nos outros meios estudados, *Técnica e Infraestrutura*, inclusive com alguns enfoques e abordagens bastante semelhantes, tanto na postagem principal quanto nos comentários dos seus leitores. Com exceção do blog “A verdade do pan 2007”, os demais transitaram entre comentários elogiosos às condições de prática esportiva encontradas nas novas instalações construídas para o Pan e os prognósticos e as repercussões dos resultados das disputas envolvendo atletas e equipes brasileiras.

Categoria bastante presente nos blogs acompanhados, ainda que de formas diversas, foi a do *Nacionalismo*. E aqui a novidade inesperada: de maneira bastante diferente do enfoque que tradicionalmente faz uso nas coberturas televisivas que envolvem competidores brasileiros, o blog de Galvão Bueno (Rede Globo) pouco se utilizou desta dimensão com que ele normalmente apela ao emocional dos seus telespectadores. As poucas referências elogiosas feitas pelo jornalista a aspectos de possível conotação nacionalista foram quanto às belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro. O próprio blog do Galvão pode ser citado para exemplificar o que afirmamos acima, quanto à falta de inovações no jornalismo digital por via dos blogs. Em muitas mensagens postadas por Galvão Bueno, bordões típicos da linguagem oral, usualmente utilizados por ele nas coberturas televisivas, foram repetidos no blog, como os conhecidos “Bem, amigos da Rede Globo...” e “Haja coração!” Em termos de abordagens nacionalistas entre os blogs analisados, o oposto ao do Galvão, isto é, o mais enfático no enaltecimento desse aspecto na cobertura do Pan foi o blog do jornal Diário do Rio. E aqui a idéia de nacionalismo escorrega para um tipo especial, se assim podemos afirmar, que é o de um *bairrismo* explícito, num exercício cotidiano de tentar demonstrar que só na cidade do Rio de Janeiro seria possível contar com todas aquelas condições para a realização do evento, especialmente em se tratando das obras públicas realizadas nas instalações esportivas. Apesar de não dispormos de mais elementos para comprovar essa assertiva, pareceu-nos que o blog do Diário do Rio (e a versão *on line* do jornal, também visitada algumas vezes) pode ser identificado como o que se chama pejorativamente de “jornalismo chapa-branca”; seu projeto editorial pode ser claramente identificado como de apoio incondicional ao governo da cidade do Rio de Janeiro, com diversas inserções de matérias com fotografias do prefeito Cesar Maia, enaltecendo sua capacidade administrativa para sediar a realização dos Jogos no Rio.

Outro aspecto a ser destacado é o fato dos blogs possibilitarem que os receptores (leitores) possam se converter também em emissores, postando comentários às mensagens disponibilizadas pelos titulares dos blogs, e neste sentido, exercerem sua dimensão reflexiva e crítica. Isso parece não ter sido levado muito em consideração pelos frequentadores dos blogs acompanhados. Em geral, os comentários apostos às mensagens iam na mesma direção, isto é, apenas concordando e reforçando o enfoque da mensagem postada originalmente. Apenas em duas mensagens, de dois blogs, observou-se uma “rebelião” dos leitores. A primeira, no blog do jornalista Felipe Mendes (jornal Lance) e a outra no acima referido blog do Diário do Rio. Ambas tinham formatos e conotações diversas e foram fortemente contestadas, ainda que com argumentos bastante simplistas. Enquanto no blog do Lance, a discordância dos leitores foi quanto a uma mensagem na qual o jornalista afirmava que as atletas do voleibol feminino brasileiro teriam “amarelado” na disputa contra a equipe de Cuba; no Diário do Rio, a contestação foi contra uma matéria postada em que, num acesso de nacional-bairrismo e adesismo político, o blog sobrepunha a imagem de Cesar Maia ao da estátua do Cristo no Corcovado.

Quanto à periodicidade das postagens, os blogs do Lance e do atleta Mosiah Rodrigues foram os mais irregulares, o que de certa forma contrariou a expectativa dos pesquisadores do subprojeto, pelo menos em relação ao blog do Lance, que o escolheram por causa da política editorial criativa e independente que caracteriza o jornal. A consequência é que também foram escassos os comentários postados por leitores dos dois blogs, especialmente no de Mosiah, que tinha uma conotação mais atemporal, com mensagens de agradecimento aos fãs, além de várias fotos de treinos e competições anteriores ao Pan (ainda que tenha sido anunciado como um blog que registraria seus treinos, expectativas e participação no evento).

Finalmente, é imprescindível um comentário a respeito do blog que ficou famoso pelo tom das críticas à organização dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007, dirigindo seu foco para aspectos de infraestrutura (atraso nas obras), não cumprimento de promessas de melhorias para a cidade, extrapolação do orçamento dos jogos, aplicação de verbas públicas sem licitação, entre outros. O detalhe importante deste blog foi que praticamente não havia produção própria do(s) responsável(is)⁵ por ele, uma vez que as postagens eram restritas a matérias clipadas (recolhidas e reproduzidas) de outras mídias. O jornalista Juca Kfourri, do jornal Folha de

⁵ Como já informado anteriormente, o blog era administrado por alguém que se apresentava como *Diana*.

São Paulo (onde assina duas colunas semanais e mantém um blog atualizado diariamente) e da ESPN Brasil (canal de TV por assinatura distribuída pela NET), considerado um dos cronistas mais críticos e independentes do jornalismo esportivo brasileiro, usou estes espaços para fazer diversas referências ao blog “A verdade do pan 2007”, inclusive utilizando-se de informações contidas nele em seus comentários e colunas. E foi também o jornalista que, encerrados os Jogos, abriu espaços para incisivas cobranças por explicações quanto à retirada de todo o conteúdo do blog, sem qualquer informação prévia, ao final do Pan Rio/2007⁶.

A esse respeito, é interessante observar que nossa pesquisa encontrava-se já em sua fase final (e devido a compromissos institucionais assumidos era impossível prorrogar seu encerramento) quando um novo blog surgiu, cujo nome é “A Verdade da Olimpíada 2016”. Em sua apresentação, o blog se manifesta como “um clipping de matérias sobre o Pan 07, a Copa 14 e a Olimpíada 16”. A seguir, observa-se a afirmação transcrita literalmente: “Este blog serve para informar o leitor. **Lamentamos muito o desaparecimento do blog ‘A Verdade do Pan 07’. Rejeitamos censura**” (grifo nosso). Nele estão disponibilizadas algumas das postagens que faziam parte do blog acima referido, embora os comentários não tenham sido agregados. Mais interessante ainda é que, apesar do nome deste novo blog fazer uma alusão à candidatura do Rio para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, o endereço eletrônico é <<http://averdadedopanoretorno.blogspot.com>> (grifo nosso).

Antes de seguirmos adiante, consideramos relevante comentarmos, ainda que brevemente, os demais textos que compõem a segunda parte do livro.

Os relatórios parciais do subprojeto sobre atletas “locais” na mídia regional, que geraram os textos sobre os “sergipanamericanos” e os atletas mineiros, respectivamente no Jornal da Cidade e Estado de Minas, contribuem para especificar, pelo exemplo, os detalhes de como a estratégia de “localizar” o Pan pela presença dos atletas com maior identidade regional pode ser constatada na pesquisa. Para registro, cabe mais uma vez destacar como o conceito de “local” é flexível e se torna alargado para uso pelas mídias regionais, a fim de viabilizar essa relação global-local. Neste sentido, não importa se o atleta natural daquele estado pouco ou nunca se refira a esta condição, ou se, pelo contrário, a simples vinculação federativa

⁶ Ver, por exemplo, a postagem: **Atenção: Blog “A Verdade do Pan 2007” está fora de ar!!!!** Disponível em: http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2007-08-05_2007-08-11.html . Consulta em: 31/07/2009.

a um clube do estado já se constitui em fato suficiente para transformar “estrangeiros” em “nativos”.

Quanto à pesquisa sobre a (in)visibilidade do Parapan na mídia, embora incipiente e exploratória, ela é de suma importância porque vem cobrir uma lacuna já constatada nas análises sobre a cobertura dos grandes eventos do paradesporto⁷, apesar do discurso inclusivo pelo esporte ser cada vez mais recorrente. Dois aspectos, dialeticamente relacionados, são relevantes na análise das narrativas jornalísticas. O primeiro diz respeito ao caráter heróico atribuído aos para-atletas, condição essa construída pelo discurso do sacrifício e da superação da “tragédia” pessoal vivida por cada um. O para-atleta, portador de alguma deficiência física ou motora, congênita ou adquirida, é apresentado como alguém que, diante das dificuldades decorrentes da sua situação, demonstra pelo exemplo individual possibilidades que todos desfrutariam para serem incluídos e obterem o reconhecimento social pela atuação no esporte. Todavia e contraditoriamente, o mesmo paradesporto, que possibilita essas lições públicas de esforço e superação, ao organizar-se pelo modelo do esporte olímpico, serve também como âmbito para a exclusão, pois, tal como no seu referente, ali também o palco é para poucos, limitado aos detentores das melhores performances e merecedores de medalhas de distinção. Aos demais, a invisibilidade no interior daquilo que já é pouco visível na mídia (o paradesporto) parece ser ainda maior.

Por fim, o artigo decorrente de dissertação de mestrado que trata da percepção de escolares a respeito do agendamento midiático do Pan Rio/2007, revela que os jovens, mesmo demonstrando aparente desinteresse pelos grandes eventos do esporte convencional, estão suficientemente atentos para compreender como se produz o discurso da mídia esportiva e o conjunto de interesses políticos, ideológicos, comerciais etc., que o constitui. Tal constatação reforça os argumentos em favor da importância dos processos de mediação cultural que deve ser desenvolvida por instituições sociais educativas, como a escola, visando à formação de receptores ativos e críticos, conforme preconizam, entre outros, Orozco Gomes (1997) e Souza (2004), com base no pensamento de Jesus Martin Barbero (2002). Aliás, pelo estudo empreendido pelo pesquisador se pode perceber completa ausência desta estratégia de mídia-educação⁸ como

⁷ Embora discordando desta expressão, decidimos segui-la, assim como os autores do capítulo específico também o fizeram, em detrimento de “para-esporte”, no nosso entendimento a mais adequada.

⁸ Sobre este conceito, ver Belloni (2000) e Fantin (2006). Seu uso na Educação Física pode ser encontrado, entre outros autores, nas dissertações de mestrado de Lisboa (2007), Mendes (2008) e Bianchi (2009).

atividade didática do componente curricular Educação Física, no âmbito da escola pesquisada, durante o período em que o estudo foi realizado.

-O-O-O-O-O-O-

Num esforço de síntese, ao final da análise dos resultados levantados nos quatro subprojetos e demais textos, podemos afirmar que, na maioria dos veículos e suportes tecnológicos de mídia acompanhados, a cobertura jornalística dos Jogos Pan-Americanos revelou-se limitada à divulgação dos aspectos técnicos das disputas esportivas, considerando aqui informações sobre jogos e provas previstas na programação, os resultados alcançados e a entrega de medalhas aos vencedores, especialmente quando se tratava de atletas e equipes brasileiras. Em escala um pouco menor, encontram-se as matérias relativas à categoria *Infraestrutura*, destacando as instalações esportivas construídas ou reformadas e a Vila Olímpica, local de hospedagem dos participantes. Outras categorias como *Política* e *Nacionalismo*, de forma geral também foram observadas em índices bem menores e com enfoques diversos e localizados em um ou mais veículos.

De certo modo, podemos concluir que o Pan Rio/2007 teve cobertura jornalística centrada quase exclusivamente na sua condição de uma disputa esportiva internacional, isto é, sua importância como notícia não extrapolou a dimensão convencional do esporte, envolvendo vitórias e derrotas, ainda que com o destaque pertinente a um evento de grandes proporções no cenário esportivo do continente americano. O amplo leque de interfaces sociais abertas no país e na cidade do Rio de Janeiro, decorrente da realização dos Jogos, pouco foi considerado como de interesse do público na cobertura do evento pela mídia. E essa invisibilidade das imbricações do Pan no cotidiano e na história recente do país serviu para reduzir a importância social e política do evento, tratado muito mais como entretenimento do que como objeto de informação jornalística.

Duas exceções precisam ser destacadas, pelas características muito próprias com que fizeram a cobertura do Pan. Tratam-se das colunas da Folha de São Paulo, jornal cujo projeto editorial como um todo enseja aos colunistas liberdade e independência no trato com a informação, estimulando a prática de um jornalismo verdadeiramente de opinião; e o blog "A verdade do pan 2007", que soube aproveitar-se adequadamente do recurso digital para clipar outros meios, reunindo e disponibilizando num único espaço, de livre acesso, uma série de informações e opiniões de natureza crítica, expressadas por outras mídias, pessoas, organizações não-governamentais e instituições, a respeito dos Jogos.

Eventos esportivos como os Jogos Pan-Americanos, que envolvem a representação do país por atletas e equipes, proporcionam experimentar sentimentos de nacionalismo e pertencimento, francamente associados à identidade vitoriosa, que resulta não do silenciar, mas da superficialidade do discurso na cobertura dos Jogos.

Sob perspectiva bastante restrita, o discurso midiático com relação à identidade nacional – uma vez discutido anteriormente o processo de identificação gerado pela cobertura jornalística ao aproximar o evento (global) de seus possíveis leitores/espectadores através de atletas “locais” – que vai do ufanismo à crítica desmedida, se apóia, de fato, sobre uma modalidade singular da relação com o outro, qual seja, a da diferenciação pela disputa. Marca indelével do sistema liberal que organiza o “ocidente” econômica e politicamente, tal premissa acaba por configurar a identidade pelo conflito: a vitória é a metonímia do país que cresce, assim como a derrota o é de nossas mazelas.

O fato, bastante descarado, é que ser brasileiro durante o Pan é participar da derrota de Cuba, dos EUA, da Argentina etc. Não se trata de uma alteridade pela diferenciação, de fato, mas pela desigualdade. É o número de medalhas que nos torna legitimamente brasileiros de um Brasil vencedor. Por outro lado, as perspectivas criadas pelo Pan em torno dos Jogos Olímpicos mergulham nossa identidade na crise ao especular sobre o fracasso como resultado de nossas políticas e nossa economia, da desestruturação das escolas e do despudor de nossos dirigentes. A transição fácil entre o orgulho e a vergonha nacional parece se originar, entre outras coisas, num aspecto importante do sistema jornalístico, o fato de que na velocidade não é possível pensar (BOURDIEU, 1997). Na urgência das pautas ou na atração através da identificação pelo “ao vivo”, o discurso oscila sobre suportes instantâneos, maleáveis e fluidos.

Deste modo, discursando sobre a identidade através da objetificação das diferenças, aspecto que o resultado de uma prova de 100m, de um jogo de voleibol ou o quadro de medalhas trata de reforçar, a mídia transforma o jogo de identidades em uma modalidade especular do par vitória-derrota, diminuindo o espectro tanto mais complexo quanto abstrato das relações sociais práticas e simbólicas constituídas historicamente em diferentes campos do encontro entre humanos. Por fim, não menos importante, tal procedimento aponta para uma generalização na qual o conjunto da sociedade brasileira deve se moldar. A imagem metonímica exige o reconhecimento e a identificação de todos. Aquele que não se adapta ou “é ruim da cabeça, ou doente do pé” e, portanto, mau brasileiro.

Ainda assim, é preciso que se registre, um evento deste porte funciona como um propulsor no qual a sociedade acaba por refletir sobre si mesma. Se o Pan é uma história que contamos para nós sobre nós mesmos (GEERTZ, 1989), esta história não é unívoca, ainda que hegemônica. Estamos nós, ainda hoje, na expectativa dos próximos Jogos (Pan Americanos, Jogos Olímpicos, Copa do Mundo), a cismar sobre nós mesmos: nossas possibilidades de vitória e nossos riscos de derrota. Mas também sobre nossa brasilidade, nosso sistema político-econômico (e nossos políticos e economistas), nosso esporte, nossa escola, nossa educação física, nossa, nossa, nossa...

-O-O-O-O-O-O-

Nesta última parte das considerações finais, pretendemos refletir mais livremente sobre aspectos importantes do entorno (mas nem tanto) do Pan Rio/2007, cujas referências na mídia brasileira foram pequenas ou até mesmo inexpressivas. Estamos nos referindo a fatos, desdobramentos e consequências da realização dos Pan-Americanos no Brasil, cuja repercussão na mídia em geral e na esportiva de forma especial pouco contribuiu para o entendimento dos significados culturais de múltiplas facetas assumidos pelos Jogos.

Para começar, vamos adentrar no campo técnico-esportivo do Pan, justamente o que esteve mais presente na cobertura jornalística analisada, mas que foi restrito às informações factuais, com pouco ou quase nenhuma reflexão crítica. E escolhemos a alegada performance brasileira para dar início à reflexão.

Ora, ao final dos Jogos, a mídia nacional destacou, com orgulho, o crescimento do país no quadro de medalhas pan-americanas, com quase o dobro da edição anterior (Santo Domingo, 2003), tendo alcançado agora o terceiro lugar geral, apenas cinco ouros atrás da até então inatingível Cuba. Essa informação, sem dúvida, é notícia e fez bem a mídia em dar-lhe tal destaque. O questionável (e criticável, porque induziu a sociedade a desenvolver uma representação incorreta do que isso significa) é que não teve o mesmo destaque na mídia o fato que o Pan-Americano é, reconhecidamente, um evento de pouca importância real do ponto de vista do esporte olímpico, sendo utilizado tradicionalmente pelos países com melhor desempenho olímpico na América apenas como uma etapa preparatória para seus atletas e equipes. É tão pouco considerado que apenas 25% da delegação dos Estados Unidos que participou dos Jogos Olímpicos de Pequim, no ano seguinte, havia participado do Pan no Rio (ATHAYDE,

2009). Além disso, basta verificar os índices obtidos pelos medalhistas do Pan em algumas modalidades, como a natação e o atletismo, bastante abaixo do que se verificou em Pequim, para que se perceba sua condição de evento secundário. Também é pertinente ressaltar que, em muitas das modalidades esportivas não-olímpicas, os campeonatos mundiais ocorrem no final do segundo semestre do ano do Pan, o que corrobora com o argumento de que, de uma perspectiva técnico-competitiva do esporte mundial, os Pan-Americanos representam um evento de importância relativa, válido mais como fase preparatória de treinamento.

Para a sociedade mais leiga sobre o esporte de alto rendimento, em virtude dessa omissão da mídia, como se afirmou acima, ficou uma falsa impressão de que o país teria alcançado esse significativo aumento no quadro de medalhas em virtude de evolução técnica significativa das equipes e atletas brasileiros. E esse entendimento levou a pensar que seria plausível sonhar com uma melhora do Brasil na classificação geral e no quadro de medalhas no ano seguinte, nos Jogos Olímpicos de Pequim. Essa, inclusive, tornou-se a posição oficial do Ministério do Esporte, que estabeleceu, à revelia do Comitê Olímpico Brasileiro (este consciente da pouca expressão dos resultados obtidos no Pan), perspectiva de patamares técnicos de evolução nos resultados a serem alcançados em Pequim e nas olimpíadas seguintes. De fato, o Brasil aumentou em 50% o número de medalhas alcançadas (foram 10 em Atenas e 15 em Pequim), além de aumentar também a presença em fases finais em várias modalidades e provas. Todavia a redução do número de medalhas de ouro fez com que a classificação final do país no cenário do esporte olímpico caísse de 16º, obtida em Atenas, para o 23º lugar em Pequim. Tal fato, pela expectativa criada junto à opinião pública em função da ausência de reflexões da mídia sobre os resultados do Pan, gerou um sentimento de frustração na população, mais uma vez repercutida e ampliada, contraditoriamente, pela mesma mídia esportiva nacional, causando revoltas e provocando críticas equivocadas, o que obviamente não contribuiu para a construção de uma adequada cultura esportiva no país; críticas essas fundamentadas na relação simplista entre investimentos e resultados, especialmente porque o COB levou a Pequim sua maior delegação e o ciclo olímpico (período de quatro anos entre duas edições dos Jogos Olímpicos), que culminou em 2008 foi aquele no qual maiores verbas públicas foram transferidas para o comitê olímpico e confederações nacionais, seja por imposições legais, como as previstas na Lei Agnelo-Piva, seja por aplicações diretas na forma de patrocínios, feitos por empresas estatais.

Falando neste tema do financiamento público do esporte olímpico no Brasil e, mais particularmente, dos gastos com o custeio das obras necessárias para a realização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro pelos governos, observamos que, quando tratada na mídia esportiva, a questão foi abordada com total naturalidade, com comentários breves, como se fosse esse mesmo o papel do Estado. Ora, se observarmos os efeitos da referida lei Agnelo-Piva, que repassa ao COB e confederações anualmente um percentual do total arrecadado pelas loterias federais, montante estimado em 400 milhões no ultimo ciclo olímpico, podemos afirmar que nunca o esporte de alto rendimento do país teve um aporte financeiro tão alto (HOFMAN; LEAL, 2008). Ainda mais se considerarmos que muitas modalidades olímpicas têm patrocínio direto de empresas estatais, como é o caso dos esportes aquáticos (Correios), do basquetebol (Eletrobrás), do atletismo e da ginástica (Caixa Federal), do voleibol (Banco do Brasil), do handebol e do próprio COB (Petrobrás). Obviamente que não se consegue recuperar anos de mendicância e absoluta falta de verbas em pouco tempo, portanto não são esses repasses, “nunca antes acontecido neste país” (parafrazeando o Presidente Lula), que vão determinar o imediato crescimento da qualidade do esporte nacional em âmbito olímpico. Os questionamentos que cabem aqui são outros: o primeiro é se deve mesmo um país, com tantas e tão antigas dívidas sociais e constantes cortes e contingenciamentos dos orçamentos dos ministérios deste campo, assumir a quase total responsabilidade pelo financiamento do esporte de alto rendimento. Sem negar a importância do esporte olímpico na indução da formação de uma cultura esportiva para o país, é lícito perguntar por que esse esporte, que tem ampla visibilidade na mídia e, portanto, poderia obter patrocínios e financiamentos privados, precisa ser sustentado praticamente apenas por verbas públicas. Se o objetivo desse financiamento público fosse mesmo o de alavancar de forma sustentada o esporte, seria imperioso que as áreas esportivas ligadas aos campos educacional e de lazer/participação, que ancoram a cultura esportiva de base, mas com baixa visibilidade na mídia, fossem contempladas com quinhões maiores destas verbas, de modo a garantir, em médio e longo prazo, a democratização do acesso e a popularização das práticas esportivas, condição para que futuramente se possa ter atletas e equipes de qualidade no alto nível, e educação e participação esportivas igualmente bem desenvolvidas junto a toda a população.

A questão do financiamento público do esporte olímpico causa mais perplexidade porque, além de todos esses repasses e patrocínios estatais às confederações e ao COB, no caso da realização do Pan Rio/2007, o Estado brasileiro, em suas três esferas de governo (federal, estadual e

municipal), foi chamado a pagar a conta da construção ou adequação de arenas esportivas, vila olímpica, custos com solenidades e festas, consultorias internacionais de segurança, trânsito, entre outros. E uma conta pesada, já que multiplicada por oito em relação ao previsto (corrigido) quando o projeto de candidatura brasileira a sediar esta edição do Pan na cidade do Rio de Janeiro foi apresentado, cinco anos antes da sua realização (FOLHA DE SÃO PAULO/Editorial, 2007). As três esferas governamentais, juntas, assumiram custos da ordem de 3,7 bilhões de reais, sem que as melhorias permanentes prometidas para a cidade, que se constituiriam no insuflado “legado do Pan” (como obras viárias, novas linhas de metrô, ampliação da rede pública de saúde, despoluição das lagoas etc.) tivessem saído do papel. Além disso, dado ao caráter de urgência que tais obras foram exigidas ao Governo, pela não confirmação de prometidos financiamentos e patrocínios da iniciativa privada, acarretou que muitas delas fossem feitas sem licitação e com valores tão acima dos padrões de referência que o Tribunal de Contas da União, já na época da concessão das verbas, alertou para a suspeita de superfaturamentos. E, para concluir esses desencontros, é preciso ainda lembrar que muitas destas obras de novas instalações esportivas, apesar do propalado padrão olímpico do Rio/2007, acima do nível de exigências para Jogos Pan-Americanos, revelaram-se inadequadas para acolher provas de Jogos Olímpicos e ainda vieram a tornar-se obsoletos logo após os Jogos pelo completo abandono, como o parque aquático Maria Lenk e o Estádio Olímpico João Havelange (Engenhão), alugado para o Botafogo/RJ, sem que suas instalações esportivas de atletismo estejam sendo apropriadamente utilizadas nem ao menos para competições escolares ou de categorias de base.

Em se tratando de obras relacionadas ao Pan, é impossível deixar de comentar um dos principais argumentos para justificar a importância da sua realização no país e na cidade do Rio de Janeiro, tratado simplificarmente pelo slogan “os legados do Pan”. Repetido como um mantra, esses possíveis benefícios para a cidade e a população do Rio de Janeiro se constituiriam numa herança capaz de melhorar as condições da qualidade de vida dos cidadãos e estimular o desenvolvimento da cultura esportiva no país. Ora, logicamente que a idéia de avaliar legados de mega-eventos esportivos, tarefa a que já se propuseram pesquisadores de todo o mundo em cidades, regiões e países que os sediaram, é bastante complexa⁹.

⁹ Passados os Jogos Pan-Americanos, o Ministério do Esporte e a Universidade Gama Filho, com apoio do SESI/RJ, SESC/RJ e CONFED, realizaram seminário internacional sobre legados de mega-eventos esportivos, com a participação de vários destes pesquisadores de diferentes países. Este seminário deu origem a uma publicação sobre o tema (RODRIGUES; PINTO; TERRA; DaCOSTA, orgs., 2008).

Em sua análise, é necessário considerar legados materiais (como obras e instalações esportivas ou não) e imateriais (como a cultura esportiva ou a imagem internacional); legados imediatos (implementados antes e no decorrer dos jogos) e mediatos (previstos para acontecer nos curto e médio prazos); legados diretos (de natureza esportiva) e indiretos (como condições de acesso, sistema viário, segurança pública, despoluição, recuperação de áreas urbanas), entre tantos outros. Assim, mais uma vez o que se pode constatar pela análise do discurso midiático da cobertura do Pan é que o tema foi tratado com extrema simplificação, com a sua orientação sendo definida conforme o interesse de abordagem de cada veículo¹⁰.

Basicamente, o que se viu na mídia foi, por um lado, os defensores da realização do evento no Rio de Janeiro afirmarem que a população carioca herdaria do Pan instalações esportivas de primeiro mundo, que garantiria a realização de outros eventos esportivos de referência, colocando o Brasil no mapa do esporte olímpico internacional. Além disso, asseguravam estes, a educação esportiva seria beneficiada pela divulgação dos Jogos, com o respectivo aumento da procura de crianças e jovens por escolinhas de esportes, na Educação Física Escolar etc. Embora sem a mesma ênfase, esses discursos iam além das questões eminentemente esportivas, considerando também como legados do Pan um possível acréscimo na economia da cidade, imediata e de forma prolongada, pelo incremento do turismo.

Por sua vez, as abordagens mais críticas (e também muito mais escassas e localizadas, como vimos) em relação ao Pan na mídia sustentavam que a promessa dos legados dos Jogos constituía-se em mais um engodo discursivo dos responsáveis pela realização do evento, com a participação da mídia mais adesista, para justificar os abusos nas quantias e nas formas de aplicação dos recursos públicos, os investimentos em obras esportivas cuja ocupação posterior aos Jogos seria mínima. Sobretudo criticavam-se as promessas apostas ao projeto original dos Jogos Pan-Americanos e não cumpridas, de obras e melhorias na cidade, incluindo-se aí novas linhas de metrô, ampliação de vias para trânsito rápido, despoluição da baía de Guanabara e da lagoa Rodrigo de Freitas, ampliação da rede pública municipal de saúde, entre outros.

Por tudo isso, consideramos que a discussão sobre os legados do Pan, tanto na mídia quanto no debate acadêmico, pela importância e

¹⁰ Essa percepção dicotômica da mídia a respeito da realização do Pan no Rio de Janeiro, em que os chamados legados assumem papel importante, também foi referida por Gurgel Campos (2007), em texto já referido.

complexidade do tema e pela pertinência do assunto, em vista da realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014 e da candidatura do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, precisa ser ampliada e aprofundada. É temerário e tendencialmente equivocado tomarmos posições definitivas e impermeáveis à reflexão, ao debate crítico. Por tudo isso, usando da própria expressão, consideramos que um dos legados (da nossa pesquisa sobre o) do Pan é o interesse em estudos sobre os legados do Pan, o que já está sendo realizado pelo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC, em pesquisa de iniciação científica.

Capítulo à parte na análise do agendamento dos Pan-Americanos de 2007 pode ser observado nas acrobacias e jogos de linguagem quando da entrada do governo federal de forma mais efetiva na organização do evento, junto com a rede de televisão escolhida para divulgar a realização dos Jogos e sensibilizar a população para a importância deste evento esportivo. Fatores como marketing institucional e comercial, permeados por interesses políticos de fundo, fizeram com que a campanha televisiva nacional desencadeada no ano de 2006 pela Rede Globo de Televisão, em parceria com o COB e financiamento de empresas estatais brasileiras, tentasse transformar o Pan Rio/2007¹¹ no “Pan do Brasil”. O slogan utilizado largamente nesta campanha institucional, além de tentar “nacionalizar” os Jogos, de modo a fazer com que a população de todo o país se sentisse mobilizada pela disputa, tinha também o objetivo de “desmunicipalizar” o Pan, numa estratégia de evitar que apenas a Prefeitura do Rio de Janeiro, administrada por um adversário político do governo federal, viesse a capitalizar os dividendos políticos da realização do evento na cidade, especialmente em face da presença significativa do governo Lula no financiamento dos seus custos. Em linguagem figurada, pode-se assim resumir: “por que colocar azeitona na empada dos outros?” Episódios políticos como as vaia ao presidente Lula na abertura do evento, no estádio Maracanã, que teriam sido orquestradas por grupos favoráveis ao prefeito Cesar Maia, pode ser considerado um exemplo do desdobramento objetivo deste embate político subterrâneo.

Para a emissora parceira desta campanha, escolhida sem licitação pelo COB, com base em argumentos no mínimo questionáveis, também se mostrava interessante essa tentativa de nacionalizar a realização do Pan, nem tanto pelos critérios institucionais e políticos do governo; tampouco

¹¹ Na tradição olímpica, da qual os jogos pan-americanos são subsidiários, é praxe utilizar o nome da cidade em que o evento ocorre para denominar aquela edição dos Jogos. Não podendo subverter essa tradição, a estratégia foi ampliar para todo o país a área de interesse do Pan, sendo a passagem da tocha olímpica pela maior parte das capitais do país um destes meios de provocar um sentimento de pertencimento da população brasileira em relação aos jogos.

pela importância de integrar regiões mais distantes do Rio de Janeiro; mas, sobretudo, pelo interesse comercial da emissora no rico mercado publicitário do vizinho estado de São Paulo. Era temerário para o setor comercial da Globo, com sede no Rio de Janeiro, que os possíveis patrocinadores privados, representados pelo empresariado nacional e multinacional baseado em São Paulo, tivessem a percepção da caracterização do Pan como um evento apenas carioca e, portanto, pouco significativo para seus interesses mercadológicos. Ao procurar mostrar ao campo publicitário que os Jogos eram capazes de envolver e mobilizar a atenção de toda a nação, a Globo transformou o Pan numa oportunidade para investimentos que visassem atingir corações (e bolsos) de consumidores por todo o país. Foi isso o que garantiu à Globo a venda de todas as suas cotas de patrocínio dos Jogos Pan-Americanos no início de 2007, numa antecedência que nem de longe lembra a comercialização de suas cotas em outros eventos esportivos internacionais, normalmente negociadas anos antes da sua realização.

Da nacionalização à internacionalização. Sim, enquanto o governo federal e a rede Globo tentavam nacionalizar o Pan de 2007, o COB buscava, por estes e outros recursos, garantir visibilidade internacional ao evento. Seu objetivo estava relacionado ao interesse de que o país (e seu comitê olímpico) demonstrasse à comunidade olímpica internacional capacidades técnicas na realização de um grande evento esportivo de natureza internacional. Neste sentido, se justificava a reforma e construção de instalações esportivas com padrões de qualidade (e custos também) bastante acima dos exigidos para jogos pan-americanos; se justificava a contratação de consultorias internacionais (sem licitação, por critério “técnico”), que já tinham trabalhado em outras edições de Jogos Olímpicos; se justificava a propaganda oficial (nem sempre concretizada) deste ser um evento de “nível olímpico”, que capacitaria executivos e corpo de voluntariado nacionais para acolher e organizar eventos de maior monta no cenário esportivo. Assim, os movimentos políticos do COB, com investimentos bancados por verbas públicas, como se viu, tiveram como propósito principal consolidar uma imagem internacional favorável à proposta de candidatura do Rio de Janeiro (ou seria do Brasil?) para sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Neste sentido, é conveniente lembrar que, apesar de ser considerado um “azarão” no início desta disputa, o Brasil surpreendentemente para muitos conseguiu passar pelas primeiras etapas da escolha e encontra-se agora na final, junto com Chicago, Madrid e Tóquio, à espera da decisão do Comitê Olímpico Internacional. Embora sejam entidades e campos diversos, parece ter contribuído também para isso o fato da FIFA já ter confirmado o Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Resta saber agora, caso seja confirmada a escolha do Brasil para sede dos Jogos Olímpicos Rio/2016, se os ensinamentos proporcionados pelo Pan de 2007, muitos deles formalizados pelo seu contrário, isto é, expressos pela lógica do “como não se deve proceder”, possibilitarão que, desta vez: os encargos e responsabilidades de cada instância envolvida na sua realização sejam melhor estabelecidos e caracterizados, e sobretudo cumpridos; que o esporte brasileiro seja contemplado com maior atenção como um todo, melhorando as condições de acesso e prática esportiva nos âmbitos educacional e de lazer/participação; que a cultura esportiva do país resulte mais elevada, com um bem cultural coletivo que amplia e fortalece a formação humana, tornando a sociedade mais humanizada; que a mídia esportiva brasileira compreenda que a cobertura jornalística de um evento com tais dimensões, mais do que uma disputa por patrocínios e consumidores, é uma grande oportunidade de cumprir com o papel que tanto dignifica uma imprensa livre, que é o de informar e formar receptores igualmente livres, pelo esclarecimento. E, desta forma, que os aludidos “legados do Pan” tornem-se finalmente realidade para a sociedade brasileira e da cidade do Rio de Janeiro, não mais apenas como promessas para depois dos Jogos, mas como condição prévia para a sua realização. A cultura esportiva e o próprio esporte brasileiro agradecerão!

-O-O-O-O-

Para finalizar estas reflexões, desenvolvidas aqui a guisa de considerações finais, entendemos pertinente retornarmos ao nosso ponto de partida, isto é, reafirmarmos uma vez mais o lugar de onde observamos e empreendemos nossos estudos sobre mídia esportiva, com a preocupação de fundamentar nossas intervenções profissionais, que é o campo da Educação Física.

Se concordamos que a mídia é um dos principais interlocutores da sociedade contemporânea e que a partir dessa relação construímos coletivamente um conjunto de representações que intervêm nas escolhas e decisões que tomamos no nosso cotidiano, inclusive no que se refere às práticas esportivas e de lazer, parece relevante que se compreenda como se produz e se socializa o discurso midiático-esportivo para tematizá-lo nas nossas práticas pedagógicas com e na Educação Física, da formação acadêmica inicial à permanente, nas nossas inserções na escola, no tempo livre, nos clubes e demais âmbitos educativos.

Ocasões como essa representada pela realização dos Jogos Pan-Americanos no país, que conseguiu envolver grande parte da população no acompanhamento das disputas esportivas na televisão, carregam também a

atenção para a Educação Física. Os discursos veiculados na mídia insistem, a cada edição de jogos como esses, numa pretensa responsabilidade que a Educação Física escolar teria na descoberta e formação de novos talentos esportivos. Obviamente, esse imaginário, talvez resquício de um tempo em que, para legitimar-se socialmente, a Educação Física procurou associar-se à instituição esporte (BRACHT, 1992), provoca hoje mais prejuízos do que vantagens. Como corolário das discussões mais técnicas, dos resultados e da decorrente postulação de uma brasilidade são os efeitos discursivos sobre o campo da Educação Física, problema que se acelera especialmente quando os resultados não são os esperados. É nesta esteira que a Educação Física aparece nos discursos da mídia. As referências, é verdade, são múltiplas, mas se dividem em duas modalidades especiais, pois reverberam a inconstância do par vitória-derrota. Por um lado, se dá pela citação, em geral ligeira, mas emocionada, por parte de alguns atletas quando da vitória; por outro, através dos debates (normalmente simplistas e apressados) sobre o sistema escolar e a Educação Física, na derrota, ou mais precisamente, no fracasso coletivo que o número de medalhas tão friamente denuncia.

Ainda que não seja o mote mais constante do problema, observa-se que em situações muito particulares, atletas que realizaram o "sonho da vitória" acabam por mencionar sua relação com a escola e a Educação Física. Tal fato se dá, efetivamente, quando "um filme passa na cabeça" e o percurso até o pódio é refeito em imagens emocionadas. É neste momento íntimo e glorioso que a história de vida é relembada e os passos dados até aquele momento trazem à tona as aulas de Educação Física, os primeiros passos na modalidade e um ou outro profissional, por vezes o próprio professor de Educação Física, é mencionado. Este *flash* acaba por produzir um efeito recorrente: contar tal história detalhadamente.

Ora como efeito tardio, ora como modo de agendamento, a história de vida comporta uma estrutura mítica e contada através do discurso de um intermediário cultural especializado perfaz o tal percurso glorioso desde a incerteza inicial, passando pelos percalços e sofrimentos, para fechar na apoteose gloriosa. É nesta estrutura discursiva, que acaba por nos lembrar que sem dor não há sucesso, que a Educação Física aparece como uma passagem quase romântica, preenchida que é por uma atmosfera de infância ou juventude, de amizades e do olhar certeiro do professor que descobre e incentiva.

Tal romantismo incorpora os discursos sobre identidade, localismo e pertencimento. A Educação Física aparece na aurora dos tempos, e a escola é o palco no qual um talento é descoberto para mais tarde desabrochar. O professor, individualizado em sua prática como aquele que se importa, que incentiva e acredita na capacidade educativa do esporte, é

mencionado como exemplo pois, a despeito da precariedade da estrutura geral da educação e das escolas, faz o seu trabalho com a competência que se imagina que a Educação Física deva ter. Esta versão um tanto cênica da Educação Física no sistema esportivo, pelo olhar midiático, revela, por ironia, outra menos fantástica, mas não menos espetacular: a face do fracasso esportivo brasileiro.

A questão é quase retomada diretamente do ponto no qual, um dia, parece ter se originado: a derrota da seleção brasileira de futebol para o Uruguai na Copa de 1950. Se naquela época havia o problema da “raça”, a mesma, nas circunstâncias que cercam o Pan, é o suporte positivado sobre o qual a questão se levanta: como pode um país tão grande, tão rico e de natureza tão exuberante (natureza corporal, também) ficar atrás no quadro de medalhas ou ser derrotado por países menores (em tamanho, em capital econômico, em população etc.)? Para esta pergunta, a crítica ao sistema esportivo, de que a escola encarna como base da pirâmide, entra em cena, e as comparações com estruturas esportivas diversas se iniciam através de critérios heterogêneos ou mesmo antitéticos.

O “povo” brasileiro volta a ser uma abstração heróica e a estrutura escolar, assim como a Educação Física, passam a purgar, junto com outros “culpados” (dirigentes esportivos, políticos em geral, clubes e empresas...) as agruras da derrota. É interessante, mas não contraditório, que um professor de Educação Física específico seja o artífice de um sucesso, mas que a derrota seja enquadrada no plano genérico do sistema, da estrutura ou da burocracia. Para justificar ou explicar fracassos, especialistas são chamados a darem opinião, ainda que ao professor, mergulhado no cotidiano escolar, a voz lhe seja negada. Tal procedimento aponta para a fórmula tradicional da polemização que superficializa o tema, sem tocar-lhe verdadeiramente o fundo.

Assim, não se especulam questões sobre os sentidos da Educação Física e do esporte fora sua funcionalidade “bio-psico-social” e sua função de promoção e desenvolvimento de talentos, suporte inquestionável da educação dos jovens brasileiros. Como parâmetro comparativo, uma vez que tudo vale a pena desde que medalhas sejam ganhas, o modelo escolar e esportivo adotado pelo socialismo cubano ou o sistema individualista do desporto americano, cuja base se encontra nas escolas e universidades, servem para tramar o pano de fundo do fracasso nacional: falta de organização, pouco investimento, ausência de trabalhos de base, do esporte escolar e universitário, escolas precárias e, por que não, professores de Educação Física desinteressados, despreparados ou incapazes.

Para concluir, reafirmamos que é preciso considerar a contribuição da mídia esportiva na construção da cultura esportiva, pela promoção do acesso da população brasileira à informação sobre o esporte. Na condição assumida pela mídia na contemporaneidade, admitimos que sua função tende a ser de muita relevância. Mas para pensarmos numa cultura esportiva autêntica, que mais do que informação proporcione, como condição de cidadania, a apropriação esclarecida e autônoma do esporte nas suas múltiplas possibilidades, que não devem ser percebidas como incompatíveis entre si (seja como assistência e fruição estética, como prática de tempo livre ou como possibilidade educativa), a dimensão educativo-formativa da Educação Física precisa ser considerada para além da perspectiva pobre do binômio “vitória-derrota”, tão presente na mídia esportiva como pensamos ter sido evidenciado em nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Phydia de. Depois do pan, as olimpíadas. **Revista Carta Capital on line**, postada em 05/03/2009; disponível em <http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=6&i=3477>. Consultado em 08/08/2009.

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

BELLONI, Maria Luisa. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2000.

BIANCHI, Paula. **Formação continuada em mídia-educação (física): ações colaborativas na rede municipal de Florianópolis/SC**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. In: _____. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO (Editorial). **Os ouros e o tesouro**. Folha de São Paulo, p. 2, 31/07/2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GURGEL CAMPOS, Anderson. Os jogos pan-americanos na mídia impressa: breve análise da cobertura econômica do Rio/2007. In: MARQUES, José Carlos (org.). **Comunicação e esporte: diálogos possíveis**. São Paulo: Artcolor/INTERCOM, 2007.

HOFMAN, Gustavo; LEAL, Ubiratan. A busca do ouro. **Revista Carta Capital on line**, postada em 01/08/2008; disponível em <http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=6&i=1655> . Consultado em 08/08/2009.

LISBOA, Mariana M. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdicas das crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2007.

MENDES, Diego S. **Luz, câmera e pesquisa-ação: a inserção da Mídia-Educação na formação contínua de professores de Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2008.

OROZCO GOMES, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. **Revista Comunicação e Educação**, nº 10, São Paulo: Moderna/CCA, 1997.

RODRIGUES, Rejane Penna; PINTO, Leila Mirtes de M.; TERRA, Rodrigo; DaCOSTA, Lamartine P. (orgs.). **Legados dos mega-eventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção televisiva: mediações contextuais. **Revista da USP**, n. 61 (dossiê televisão), mar-mai/2004.